História da Arte

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

Retorno ao clássico

Responsável pelo Conteúdo:
Profa. Ms Solange Santos Utuari

Revisão Textual:
Profa Esp Marcia Ota

UNIDADE Retorno ao clássico

- A cultura das imagens
- O Renascimento: em busca do clássico
- O Barroco: na busca pela emoção

Objetivo de APRENDIZADO

- Nesta unidade, vamos estudar o momento da história da arte, em que o homem pensa a sua própria sua humanidade, é marcado pela ruptura do pensamento simbólico/religioso sustentado pelos dogmas rígidos da religião católica durante a Idade Media.

Os nossos estudos sobre tópicos de história da Arte se ampliam a fim de compreender os séculos entre XIV e XVII. Período marcado pela razão e sensibilidade, em que os interesses dos artistas buscaram expressar a mente e o coração dos homens. Da racionalidade matemática, da perspectiva renascentista e as dramáticas composições barrocas, vemos que a arte se transforma, se inova em uma era chamada de moderna.

Para fundamentar nosso trabalho, convidamos pesquisadores e historiadores como Ernest Gombrich, Janson e Susan Wooford entre outros, que fundamentam os estudos sobre história da arte.

É importante compreender que a arte se apresenta em várias linguagens e modalidades e que podemos estudar o passado para compreender o presente e sonhar com o futuro.

Nesta unidade, escolhemos textos pertinentes para o seu estudo com o objetivo de ampliar seus saberes.

Quanto às atividades propostas na unidade, é importante que você realize todas com afinco e determinação. Teste seus conhecimentos respondendo as questões sugeridas, observe o que você já sabe e o que precisa ainda saber, e amplie seus conhecimentos lendo o material básico e complementar.

Tenha um bom estudo e lembre-se em caso de dúvidas, estaremos a sua disposição através do ambiente virtual.

Contextualização

O tempo do Renascimento apresenta a visualidade de imagens que buscavam imitar a natureza e efeitos de realidade. Os efeitos de profundidade nas imagens criadas no Renascimento mostram o desejo pelo clássico. Princípios sobre a estética, beleza, poética e arte são resgatados pelos artistas renascentistas.

No Barroco, há a necessidade de mostrar não apenas uma maneira clássica e racional de apresentar os homens, mas os seus sentimentos e emoções no contato com as coisas do mundo e com espiritualidade. Com isso, temas novos surgem tanto no renascimento como no Barroco: o gênero de retrato, mitologia grega e natureza morta são assuntos presentes na arte, neste tempo, além dos temas ligados à arte sacra que também se apresenta nos dois estilos.

Desse modo, para compreender melhor o que acontece na arte neste tempo, sugerimos a leitura de dois textos básicos.

- Texto 1: WOODFORD, Susan. **A Arte de Ver a Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983: (p. 90 a p.100).
- Texto 2: GOMBRICH, Ernest Hans Josef. - **História da Arte.** 16ª edição 2000 – Editora. LTC: (p. 223 a p. 473)

Leia os materiais indicados e boas reflexões.

A cultura das imagens

(1) Giotto di Bondone, A lamentação(1306), Afresco, Capella degli Scrovegni.
(2) Rafael, Escola de Atenas (1511), Afresco, Palácio Apostólico, Vaticano.
(3) Kurt Wenner(kurtwenner.com), Fantasia do noroeste (2010), pintura sobre piso, praça The Embarcadero, São Francisco, Califórnia.

Observe as três imagens. O que há de semelhança entre elas? O seu olhar pode percorrer os espaços representados nas imagens?

O que você vê são imagens em profundidade. Em nosso tempo, na contemporaneidade, ver imagens em profundidade pode parecer comum. Mas houve um tempo na história da arte que este tipo de visão era algo novo e surpreendente.

Vimos nas outras unidades que as imagens, enquanto linguagem, comunicam e apresentam significados e expressões em cada cultura. Dos tempos da arte rupestre até o momento atual, o que vemos é a formação de uma cultura visual (cultura das imagens). Cultura esta que apresenta valores e escolhas em cada época, estabelecendo diálogos que são atemporais.

Na pintura da Arte Gótica dos séculos XII ao XIV, vemos uma busca por superar a criação de imagens simbólicas, para criar imagens mais realistas, técnica que iriam influenciar o que estaria por vir, o Renascimento.

Na obra de Giotto di Bondone (1267 - 1337), vemos espaço entre as figuras e dramaticidade na narrativa. Na obra, A Lamentação, podemos até perceber a dor que as pessoas estão sentindo ao velar o corpo de cristo. É possível perceber a emoção, mesmo das figuras que estão de costas. Este artista cria uma visão mais humanista dos personagens bíblicos, ao contrário do que se fazia antes na Idade Média, arte Românica e Gótica que mostra imagens mais estilizadas e simbólicas. A preocupação da arte, que segue nestes tempos, é criar ambientes em profundidade. A intenção é criar planos na pintura para nos dar a sensação de adentrarmos nos espaços e participar das cenas.

O tempo do Renascimento apresenta a visualidade de imagens que buscavam imitar a realidade. A perspectiva, como a arte de criar ilusões de profundidade, foi neste tempo estudada e tratados matemáticos foram criados, assim como as técnicas de luz e sombra para criar volumes e efeitos tonais.

Os efeitos de profundidade nas imagens criadas por artistas como Giotto foram ampliados no Renascimento. Havia um desejo de deixar para trás as representações simbólicas e buscar as representações mais realistas. No entanto, esta realidade não implicaria em apenas fazer o real, mas, assim, como os gregos antigos no período clássico, era necessário ir além da simples representação. Era preciso mostrar o sublime, "o belo" (na concepção da cultura grega).

As imagens em alta resolução e profundidade, que vemos hoje, começaram a ser forjadas neste tempo, no Renascimento. As pessoas, quando viam uma imagem pintada com efeitos de perspectiva, chegavam a colocar a mão sobre pintura para ter certeza de que ali não havia uma fenda. Era difícil acreditar que em uma superfície plana (bidimensional) poderia haver percepção de tridimensionalidade.

Na segunda imagem, vemos uma cena imaginária de uma escola de filosofia. Dissemos imaginária porque os personagens, grandes pensadores da história, representados na cena não viveram todos no mesmo tempo. O encontro entre eles só foi possível por meio da mente criativa do Artista renascentista Rafael.

Rafael Sanzio (1483-1520) é considerado o pintor que melhor desenvolveu os ideais clássicos da beleza, harmonia, forma e cor. Além disso, é conhecido por pintar cenas em que vemos espaços amplos e com simetria equilibrada.

A escola de Atenas é um afresco, pintado no Palácio do Vaticano, que é um sumário da história da filosofia grega, onde são retratados grupos de sábios e estudiosos, em um espaço arquitetônico amplo com arcos e estátuas criando uma simetria e harmonia.

Esta imagem apresenta muitos significados, pois cada pessoa retratada apresenta a sua importância na história do pensamento humano. Porém, esta obra de arte não é famosa apenas por apresentar grandes pensadores, ela é um marco na concepção de imagens em profundidade.

Podemos passear, de modo imaginário, por entre estes pensadores, no sentar nas escadarias ao lado de Diógenes, ficar entre Platão e Aristóteles. Caminhando entre estes pensadores, um pouco mais atrás, encontramos Alexandre o Grande, à frente no primeiro plano, podemos ainda acompanhar as explicações de Pitágoras. O artista Rafael cria uma realidade, mas esta é apenas uma ilusão tanto do ponto de vista da história como na concepção de um espaço. Mas é fato que este artista nos convida a participar da obra por estabelecer espaços entre as figuras, sucessão de planos, tons, proporções...

Será que esta mania de criar sensações de realidades, planos ilusórios ficou só no passado? Será que isto apenas existe nas imagens criadas pelos artistas renascentistas, como Rafael?

Hoje, ao entrar em salas de cinemas, vemos imagens em 3D e 4D. As imagens em profundidade, que nos passam sensações de profundidade, são versões potencializadas da perspectiva renascentista.

Na arte de rua vista na terceira imagem, podemos perceber que, ainda hoje, há fascínio em criar mundos visuais em profundidade por meio da pintura. Note que a pintura é feita no piso de uma rua, mas parece que ali se abriu uma enorme cratera. Não é impressionante! Desde o Renascimento, buscamos a ilusão e realidade em uma só imagem.

Michelangelo Buonarroti, Pietá, séc. XVI, escultura em mármore, Basílica de São Pedro, Vaticano, Roma, Itália.

Stanislav Traykov/Wikimedia Commons

O Renascimento: em busca do clássico

Michelangelo Buonarroti, Moisés, escultura na tumba do Papa Julius II, séc. XVI, mármore, Igreja San Pietro in Vincoli, Roma, Itália.

Prasenberg/Wikimedia Commons

Se pensarmos na história como uma linha contínua, o que só complicaria nosso entendimento, poderíamos, então, vislumbrar a ideia de visitarmos o passado como fosse a história de nossos antepassados, como uma somatória de realidades que em um determinado momento se convergem.

O Renascimento, no fio de nossa complexa história, também nasceu da convergência de uma série de acontecimentos ao longo dos séculos. Nasce na Itália e seu início se dá quando as pessoas sentem-se não mais na idade média, mas em uma nova era.

Isto acontece entre os séculos XIV e XVI. O período do Renascimento é considerado um momento da história de grandes descobertas em muitas áreas do conhecimento. A arte ganha inovações técnicas, mas busca instaurar a grandeza das produções artísticas clássicas da antiguidade, principalmente a arte de Roma e Grécia.

> Essa afirmação não é tão simplória quanto pode parecer, pois o Renascimento foi o primeiro período da história a ser consciente de sua própria existência e também a cunhar um termo para auto se designar (JANSON,1996, p. 168).

Neste período, a Europa revive, depois de quase um milênio, os ideais da cultura greco-romana, também os ideais humanistas e naturalistas. O ideal humanista significa para os artistas renascentistas a valorização do ser humano e da natureza em oposição ao Divino e ao Sobrenatural, impostos na Idade Média pelas igrejas. Do individualismo como autoconsciência e autoconfiança e humanismo uma crença na importância daquilo que ainda chamamos de humanidades.

> A origem dessa visão revolucionária da história pode ser buscada nos anos de 1330, nos escritos do poeta italiano Petrarca, o primeiro dos grandes homens que deram início ao Renascimento (JANSON, 1996, p.168).

Em Florença, os Médici, uma família abastada e crente nesta nova era, agiram como mecenas das artes, se tornando um grande berço do Renascimento acolhendo grandes artistas. Outras cidades da Europa entram nesta disputa para atrair artistas e intelectuais e também os papas promovem grandes obras para que os artistas mais famosos realizem esses projetos.

Na pintura, uma grande descoberta foi a perspectiva, que são regras gráficas e matemáticas que permitem reproduzir sobre um plano: um ou vários objetos em seu aspecto real.

A partir daí, podemos subdividir a arte em artes maiores (arquitetura, pintura e escultura) das artes menores e aplicadas – a distinção entre arquitetura, o responsável pela forma plástica do edifício, e do engenheiro, que é responsável pela técnica construtiva.

Na arquitetura Renascentista, o que importava era a criação de espaços compreensíveis de todos os ângulos possíveis do olho humano e a busca de uma ordem na composição dos espaços, utilizavam as ordens das colunas gregas, os arcos e cúpulas da arquitetura romana.

Tudo isso transformou o status desses artistas artesãos em intelectuais. Um dos arquitetos que se destacou foi Filippo Brunelleschi (1377-1446). Um dos seus trabalhos mais importantes foi a cúpula da Catedral de Florença ou também chamada Igreja de Santa Maria del Fiore, essa Catedral não havia sido finalizada por Arnolfo di Cambio, e os florentinos gostariam que fosse coberta por uma imensa cúpula o grande espaço entre pilares, porém nenhum artista se habilitou.

Então, tal tarefa foi destinada à Brunelleschi, que inventou um método para realizar tal proeza, a qual foi com uma enorme cúpula com calota dupla. Por essa célebre realização, foi chamado para projetar outras igrejas e edifícios. Viajou pela Itália e mediu as ruínas de templos e palácios romanos, esboçando toda arquitetura e ornamentações desses antigos edifícios.

Além disso, Brunelleschi buscava um processo de criação e construção, em que a antiga arquitetura clássica (greco-romano) fosse utilizada livremente e criando novas formas de harmonia. E essa ideologia perpetuou na Europa quase quinhentos anos.

Catedral de Florença ou Santa Maria del Fiore – Florença, 1426 a 1434 – Fellipo Brunelleschi Corte esquemático / Vista interna da cúpula

Thinkstock/Getty Images

Na arquitetura renascentista, os conceitos de construções trabalhados por Brunelleschi foram aos poucos aceitos e utilizados nos anos. Nesta concepção arquitetônica, a linguagem e os conceitos greco-romanos são bem aplicados. Para Brunelleschi, o edifício não possui o homem, mas sim o homem aprendendo a lei do espaço, possui o segredo do edifício.

Leon Battista Alberti, Florentino (1404-1472) foi o segundo grande inovador da arquitetura renascentista. Apaixonado pela cultura da Antiguidade Clássica, seus edifícios, com fachada clássica com colunas, capitéis, frontões e tímpanos lembrando os templos gregos e romanos.

A interpretação científica sobre o mundo predomina no pensamento dos renascentistas, e, na pintura, o estudo da perspectiva, seguindo os princípios da matemática e da geometria são utilizados e conduz esses pintores a perceberem o claro-escuro, áreas iluminadas, as sombras, contrastes, sugerindo o volume dos corpos e obtendo um maior realismo nas pinturas.

Masaccio foi o primeiro pintor do século XV a conceber em suas pinturas a imitação do real, ou melhor, reproduzir tais como elas são e convencer o observador que suas pinturas são reais.

No afresco "Adão e Eva expulsos do Paraíso", observamos a expressão de Adão e Eva, lastimando a expulsão, as mãos de Adão cobrindo seu rosto num desespero e choro, Eva com rosto desolado em lágrimas. E vemos as características clássicas dos corpos como nas estátuas gregas.

Masaccio, Adão e Eva expulsos do Paraíso, afresco, 1401 a 1428. Capela Brancaccia, Florença.

Fra Angelico (1384-1455) foi sucessor de Masaccio e representa muito bem a religiosidade, no período do Renascimento, por ter uma formação cristã e conventual. Seguindo muito bem também os princípios da perspectiva, luz e sombra nas suas pinturas.

Paolo Uccelo (1396-1475) procurou colocar em suas pinturas o conhecimento científico que conhecia e também fantasias medievais de sua imaginação.

Nas telas de Pietro della Francesca (1420-1492), um dos maiores pintores do Renascimento, os acontecimentos eram importantes, mas sobretudo a composição geométrica. Assim, as pessoas em suas pinturas adquirem uma regularidade geométrica no espaço.

Foram muitos os artistas que buscaram se superar na técnica de produzir imagens em profundidade e com aspecto natural.

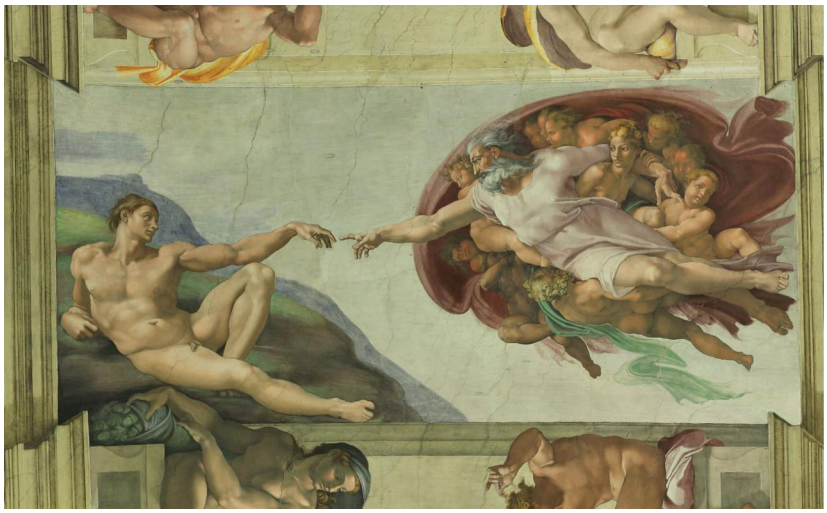
Obras de Sandro Botticelli: Primavera (1482), têmpera sobre madeira e Nascimento de Vênus (1483), têmpera sobre madeira.

Sandro Botticelli (1445-1510) foi o artista que melhor expressou em suas pinturas a graciosidades dos personagens. Os temas utilizados eram da Antiguidade grega como também a tradição cristã.

A *"Primavera"* mostra a deusa Vênus no centro com um Cupido sobre ela, à sua esquerda, vemos Zéfiro, o vento do Ocidente pronto para soprar, e em seus braços, a Ninfa Clóris, com um ramo de flor na boca, que é geradora de flores, a primavera é representada pela jovem com vestes florais.

À direita da Vênus, vemos três Ninfas e Mercúrio, que é o mensageiro dos deuses em seus pés calçados alados. A elegância dos gestos, o planejamento das cores e o fundo teatral compõem a obra de Botticelli. "O nascimento de Vênus" mostra a elegância e a graciosidade dos personagens harmoniosamente distribuídos no espaço e os longos cabelos esvoaçantes ao vento.

Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564), consagrado pintor de Florença, estudou na escola de escultura mantida por Lourenço Médici, onde teve o contato com a filosofia grega e seus padrões de forma, equilíbrio e beleza. Trabalhou nos afrescos da Capela Sistina, no Vaticano, onde concebeu diversas cenas do Antigo Testamento, uma delas é "A criação do Homem", na qual, Deus aparece de barba e cabelos longos, corpo vigoroso e cercado por anjos, estendendo a mão para Adão, que é representado por um jovem forte e belo, mostrando claramente o ideal e a beleza das obras do Renascimento.



David Gaya/Wikimedia Commons

Michelangelo foi um pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano, considerado um dos maiores criadores da história da arte do ocidente, chamavam-no "Divino". A escultura de Davi, de Michelangelo, refere-se a um jovem adulto com o corpo definido, suas mãos são colossais em relação ao corpo, mãos de um homem do povo, trabalhador e forte, seu rosto tem feições de herói com capacidade de enfrentar desafios como o Golias e as demais adversidades que podem ameaçar o homem.

Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um artista e pesquisador muito versátil, atuando em diversos campos do conhecimento humano. Foi aprendiz de Verrocchio, consagrado pintor e escultor de Florença. Seu interesse por diversos conhecimentos, inclusive na área urbanística, fez projetar redes de abastecimento de água e esgotos para cidades, como também alinhamento de ruas, praças e jardins públicos. Também estudou a perspectiva, óptica, proporções e anatomia, produzindo diversos estudos, anotações e desenhos. Seu interesse pela anatomia fez produzir diversas obras buscando um realismo do corpo humano.

Na pintura, produziu pouco: o afresco da "Última ceia", no mosteiro de Santa Maria delle Grazie, em Milão, e alguns quadros como "Mona Lisa" (Gioconda), "Anunciação", "Santana, a Virgem e o Menino", são os que mais se destacam.

Essa nova estética e a valorização da cultura greco-romana, pelos Italianos, atravessou as fronteiras da Itália e chegou a outras regiões da Europa, criando até um certo conflito com as formas artísticas nacionais e essa vindo da Itália. Porém, resolveu-se em uma nova tendência artística. Na cultura germânica e dos países baixos, a pintura foi a arte que mais se destacou, criando uma mistura com características Góticas e do Renascimento.

Leonardo da Vinci, Mona Lisa (Gioconda), óleo sobre tela, 1506.

Obras de Albrecht Dürer: Lebre jovem (1502), aquarela e guache sobre papel e Autorretrato (1493), óleo sobre tela.

Albrecht Dürer (1471-1528), artista germânico que concebeu a arte como uma representação fiel da realidade. Assim, observamos na pintura anterior, uma grande qualidade de desenho, de pintura e capacidade de observação. Esse pintor ficou muito famoso por fazer retratos de personalidades da época, onde buscava traços da personalidade ou mesmo psicológicos do retratado, não fugindo da geometrização e do enquadramento das pinturas renascentistas.

Hieronymus Bosch, O jardim das delícias, óleo sobre madeira, 1515.

Pieter Bruegel, Jogos Infantis, óleo sobre tela, 1560.

Hieronymus Bosch (1450-1516), em seus quadros, criou um estilo inconfundível, mistura de símbolos da astrologia, da alquimia e magia, algumas figuras parecem vir de seus sonhos ou delírios, apresentando aspectos de animais ou vegetais associados.

Talvez essas representações sejam um conflito que o inquietava a Europa no final da Idade Média: pecado, prazer, virtudes, misticismos, superstição, crenças entre o divino e o diabólico.

No tríptico "O jardim das delícias", no primeiro painel, Bosch retrata a Criação de Adão e Eva com uma paisagem do Paraíso muito exótica. No painel central, que é o Jardim das Delícias, com estranhos personagens, peixes, aves, mamíferos e humanos se confraternizam em um ambiente inusitado e no último, o inferno musical, com cores escuras cria um clima complexo, terrível e sombrio, onde os seres vivem aterrorizados como em um pesadelo.

Pieter Bruegel (1525-1569) viveu nas cidades de Flandres, atual Bélgica, em seus trabalhos retratou a realidade das pequenas cidades medievais. Em sua obra "Jogos infantis", observamos um grande número de personagens e uma técnica de representação excelente, e a atitude das crianças que não parecem estar brincando, mas sim fazendo alguma obrigação, pois nota-se a ausência de sorrisos nos rostos e um ar melancólico.

Hans Holbein (1498-1543), famoso retratista de personalidades políticas, financeiras e intelectuais da Inglaterra e Países Baixos. Seus retratos mostram uma tranquilidade, serenidade dos personagens e um tremendo realismo.

Andrea Del Verrocchio, Davi, escultura em bronze (1,26m),1476.

A escultura renascentista pode ser caracterizada pelo acentuado naturalismo, uma busca pela verossimilhança, como objeto principal o Homem, forma do corpo, pela expressão corporal, pela técnica, pela monumentalidade, e pelo esquema compositivo.

Além disso, percebemos que, no Renascimento, a escultura e a pintura se desvinculam à arquitetura. O arquiteto não solicitava mais a ajuda do pintor, do escultor e do vitralista para seus projetos, como também reduzia e eliminava tais detalhes, elementos esses prejudiciais ao seu esquema matemático e lógico da forma arquitetônica, não alcançando tal resultado-limite, as pinturas e estátuas eram confinadas em locais preestabelecidos. Tirou a escultura de seu espaço de ornamentação e acabamento na arquitetura dos edifícios. A escultura, no Renascimento, busca, então, as formas naturais e a representação da realidade, não sendo feitas para serem inseridas na arquitetura.

Andrea Del Verrocchio (1435-1488) trabalhou anteriormente como ourives, influenciando no seu trabalho de escultor. Foi o precursor na escultura no jogo de luz e sombra e nos volumes. A escultura de bronze do jovem Davi, que segundo a Bíblia derrota o gigante Golias, mostra um Davi adolescente, jovem e elegante, com aspecto de ágil, sua túnica enfeitada revela o preciosismo do ourives Verrocchio, esse humanismo da imagem do homem, dado pelo artista, revela um homem como ele é de verdade.

Depois de muitos séculos, Donatello foi o primeiro a representar um corpo nu, corpo estudado e copiado dos rapazes florentinos, movimentos docemente requebrados semelhante às estátuas gregas; inovação revolucionária para a época.

O Renascimento marcou época, suas produções em várias linguagens expressam o momento da história quando o homem pensa o homem como o centro do universo.

O Barroco: na busca pela emoção

O "barroco" teve sua origem na península Itálica no século XVII e irradiou-se rapidamente por toda a Europa e posteriormente na América Latina, trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis, porém esta arte não se desenvolveu homogeneamente em todos esses lugares, ocorrendo grandes diferenças entre as obras produzidas em cada região.

Na Roma dos papas no século XVII, o barroco emergiu mostrando uma tendência e estilo para todas as artes, espalhando-se concentricamente de Roma para todos os países da Europa. Logicamente, este estilo foi muito bem acolhido em países com características religiosas e políticas parecidas com a de Roma, e recusado em países com características diferentes.

Porém, nesses dois casos, podemos afirmar que foi uma tendência de muita influência com características particulares neste conjunto de arte que a partir do século XVII chamaremos de "arte barroca".

No barroco, os artistas são herdeiros dos artistas renascentistas e aceitavam suas regras: a perspectiva, o equilíbrio, a sobriedade, o racionalismo, a lógica; mas além de tudo colocavam em suas obras: o amor pelo infinito, a dramaticidade, dinamismo, contrastes, exuberância, realismo e tendência ao decorativo.

Essas mudanças, introduzidas pelo barroco, respeitam as conquistas feitas pelos artistas renascentistas que buscavam a razão e lógica em seus trabalhos e também nas artes romanas e gregas. Mas os artistas barrocos queriam ainda superar tudo isso, criando obras com mais impacto e dramaticidade.

Em quase toda Europa e em toda América Latina, existem a arquitetura e a arte barroca. Todavia, são muito diferentes de país a país. O termo barroco foi utilizado por comodidade, para designar as manifestações artísticas de um período que se iniciou no século XVII.

O termo "barroco" significava na península ibérica um tipo de pérola de forma irregular ou imperfeita, na Itália, uma conversa pedante contorcida e de pouco valor argumentativo, e, em quase toda Europa, um sinônimo de extravagância, coisa disforme, anormal, absurda e irregular.

Mas, no século XIX, o crítico suíço Heinrich Wölffin e os seus seguidores deram à palavra "barroco" um significado mais objetivo: procura do movimento, quer real (numa parede ondulada, ou de uma fonte, onde a água sempre jorra em formas sempre diferentes), ou personagens retratados durante uma ação violenta ou sob um grande esforço, a representação de um infinito, a importância da luz e dos efeitos luminosos na percepção do olhar, o gosto teatral, o gosto cenográfico, a indisciplina de não respeitar os limites das misturas de estilos na arquitetura, escultura ou pintura.

As formas clássicas (colunas, arcos, frontões, frisos, etc) não são renegadas pelo barroco, mas são transformadas de maneira fantasiosa e subjetivas na arquitetura deste período.

Francesco Borronini (1599-1667), grande arquiteto italiano, que na construção, Oratório dos Fillippini, em Roma, utiliza frontões sobre as janelas e portas que são em arcos ou triangulares quebrados e mesclados com partes retas, a fachada é caracterizada pelo movimento ondulado, o andar inferior sobressai do andar superior com movimentos opostos, no andar superior a pequena varanda reforça o conjunto e centraliza a visão no eixo central do edifício.

Fachada frontal do Oratório dos Fillippini, Roma – Francesco Castelli ou Borromini

Wikimedia Commons

Palácio Carignano, Turim – Camilo Guarino Guarani

Thinkstock/Getty Images

O barroco utilizava o movimento nas suas formas como na fachada do edifício abaixo. Em destaque, também um grande portal central na fachada.

Palácio de Versalhes: fachada, jardim e o salão dos espelhos.

(1)Lionel Allorge/Wikimedia Commons - (2)Thinkstock/Getty Images - (3)Myrabella/Wikimedia Commons

Palácio Madama, Turim (1718-21), Filippo Juvarra.

Wikimedia Commons

Palácio Belvedere, Viena, Johann Lukas von Hildebrandt.

Thinkstock/Getty Images

O barroco, na França, assume características mais sóbrias, comedidas e quase clássicas e se impôs, pouco a pouco, como estilo quase dominante na Europa. O palácio de Versalhes foi a expressão maior do barroco francês.

O conjunto de palácios e jardins mais famosos desta época não se localiza na Itália, mas sim na França. O palácio mais famoso da Europa é o de Versalhes com seus jardins concretizam perfeitamente a obra arquitetônica deste período na França. Foi construído no reinado de Luís XIV, e participaram deste projeto os arquitetos Jules Hardouin Mansart, Louis Le Vau e François d'Orbay entre outros. Foram feitas reformas e ampliações da antiga edificação deixada por Luís XIII, e concretizada somente 5 anos antes da morte de Luís XIV.

André Le Nôtre (1613-1700) criou os jardins externos do palácio de Versalhes, formado por canteiros, alamedas, espelhos d'água e fontes em uma geometria extraordinária e uso de plantas diversas. O palácio de Versalhes mostrava o grande poderio econômico e político do governo monárquico francês do século XVII.

O barroco na Áustria e Alemanha se inspirou muito mais nos exemplos franceses do que nos italianos. O palácio de Belvedere é claramente um barroco, pelo seu fausto, e com equilibrada distribuição de volumes.

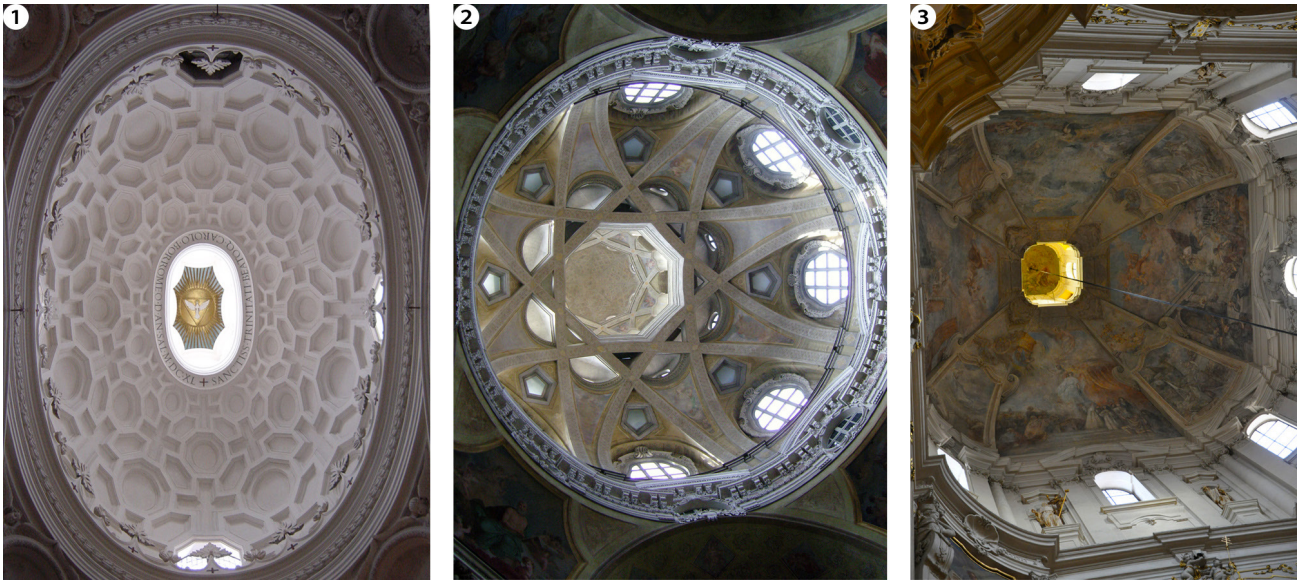
O palácio Schönbrunn é inspirado no palácio de Versalhes, porém com a fachada com mais composições e a parte central mais acentuada com altura de 3 pavimentos.

Vemos, na arquitetura barroca em seus palácios e igrejas, uma complexidade das plantas e fachadas, um grande detalhismo nos capitéis, entablamentos, a busca de efeitos decorativos, a ondulação de suas paredes.

A ornamentação da cúpula, feita por Francesco Castelli, mostra uma ornamentação de forma elíptica, baseada no engastamento de cruzes, octógonos e hexágonos.

A simplicidade e racionalidade na arquitetura são substituídas por elementos decorativos, curvas, reentrâncias e saliências.

(1) Cúpula de San Carlo alle Quattro Fontane, Roma, Fracesco Castelli. (2) Cúpula da Igreja de San Lorenzo, Camillo Guarino Guarini. (3) Cúpula da Igreja de São Nicolau, Praga.



(1)G. Dallorto/Wikimedia Commons - (2) Salvatore Gioitta/Wikimedia Commons - (3)Ben Skála/Wikimedia commons

Cúpula da basílica de São Pedro, Roma (1564-1590)

Thinkstock/Getty Images

A luz é um elemento fundamental na arquitetura barroca, proporcionando uma atmosfera dramática com partes vivamente iluminadas e outras na escuridão.

A pintura da cúpula da basílica de São Pedro foi elaborada inicialmente por Michelangelo; com sua morte, no início da construção, a obra foi entregue a Giacomo della Porta, que introduziu modificações ao projeto inicial, transformando-a quase em uma cúpula barroca.

Praça de São Pedro(1657-66), Vaticano, Camilo Lorenzo Bernini. Vista superior, desenho esquemático e vista interna.

Thinkstock/Getty Images

Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), nomeado arquiteto de São Pedro, superintendente de todas as obras da corte pontifícia no período de 1656 até 1660. A Praça de São Pedro, no Vaticano, em forma elíptica cercada por 284 colunatas cobertas e sobre elas um entablamento com aproximadamente 140 estátuas de 2,70m de altura de santos, mártires e anjos, é desde a Idade Média é meta de peregrinações de católicos. No centro da praça, entre as duas fontes, há um grande obelisco com 40 metros de altura aproximadamente, proveniente de Heliópolis.

Na Capela Cornaro, vemos a integração da arquitetura com a pintura e escultura para representar o êxtase de Santa Teresa, um apelo aos sentidos dos espectadores.

Capela Cornaro, Santa Maria della Vitória – Roma

Escultura Êxtase de Santa Teresa – Gian Lorenzo Bernini

Wikimedia Commons

A escultura no período barroco procurava dar valor à exaltação dos sentimentos, as posições dos personagens são curvilíneas, dando a sensação de movimento e recobertas de elementos decorativos e vestes muito drapeadas e muito uso do dourado. Os gestos e os rostos das personagens mostram emoção e dramaticidade nunca vistas nas esculturas renascentistas.

Um dos principais escultores italianos é Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), suas obras serviram de elemento decorativo nas igrejas. Na escultura acima, "Êxtase de Santa Teresa", feita para a capela de Santa Maria della Vittoria, em Roma, onde vemos uma dramaticidade de dor no rosto de Santa Teresa ao ser visitada por um Anjo que lhe fere no peito com várias flechadas e segundo relatos da própria Santa, os ferimentos transformaram-se na experiência mística do amor de Deus, notamos também o volumoso drapeado das vestes da Santa e do Anjo.

O "baldaquinho" de bronze com aproximadamente 30 metros de altura, possui majestosas colunas retorcidas e decoradas com motivos florais, feita para o papo Urbano VIII. Colocada sob o centro da cúpula da basílica de São Pedro, no Vaticano é uma obra de Gian Lorenzo Bernini, é considerada a primeira obra plenamente barroca.

Obras de Gian Lorenzo Bernini: Baldaquinho (1633), basílica de São Pedro, Roma; Escultura de Apolo e Dafne (1625) e Escultura Beata Ludovica Albertoni (1674), Igreja de São Francisco em Ripa, Capela Altieri.

(1)Thinkstock/Getty Images,(2)Wikipaintings, (3)Yair Haklai/Wikimedia Commons

Na escultura, o "Deus Apolo persegue a ninfa Dafne", por quem está apaixonado. Vemos os dois corpos em movimento ascendente e curvos, o drapeado do tecido envolvendo Apolo, mostra-se esvoaçante com o movimento ágil, o rosto dramático de Dafne se transformando em loureiro.

No relevo, de Francesco Duquenoy (1597-1643), verificamos as crianças brincando sob um tecido, destreza de efeitos de suavidade e transparência, do artista com o mármore.

Uma das grandes preocupações dos escultores deste período é fundirem sua arte em outras. E nas esculturas de Bernini para a ponte de Sant'Angelo, em Roma, o conjunto é claramente arquitetônico, mas as estátuas enfileiradas nos dois lados da ponte e têm um enorme destaque adornando o castelo de Sant'Angelo.

Relevo Crianças brincando – Francesco Duquenoy

Wikimedia Commons

A pintura barroca tem como um dos motivos a decoração da paredes em "trompo l'oeil", uma técnica artística, que, com truques de perspectiva, cria uma ilusão óptica, a qual mostra objetos ou formas que não existem realmente.

Estátuas da Ponte de Sant'Angelo, Roma – Gian Lorenzo Bernini

Thinkstock/Getty Images

Provém de uma expressão em língua francesa que significa "engana o olho" e é usada principalmente em pintura nas paredes dos edifícios. É válido destacar que pintar nas paredes não era novidade, mas o barroco criou características próprias: a grandiosidade, teatralidade, movimento e representação do infinito, unindo a mistura de tendência e gêneros artísticos, não se sabendo onde termina a arquitetura e onde começa a pintura.

Esses trompo l'oeil são de temas variados, como de vida de santos, de heróis, de soberanos, personagens mitológicos, anjos, etc. Os personagens, normalmente se apresentam em movimentos rápidos e com as vestes sacudidas pelo vento, e representadas em audazes escorços (perspectiva de baixo para cima, ou vice-versa).

Na obra de Andrea Pozzo (1642-1709), no teto da igreja de Santo Inácio, vemos um trompo l"oeil, com o uso da perspectiva na técnica de ilusão óptica, mostrando personagens menores, quanto mais distantes, a grandiosidade no espaço em um céu infinito, o uso de luz e sombra, dando ainda mais um realismo. Esse tipo de pintura tornou-se muito comum em igrejas da época e também em igrejas barrocas brasileiras.

Outro grande pintor foi Giambattista Tiepolo (1696-1770), na pintura em trompe l'oiel nas cornijas das paredes, utilizou uma técnica chamada "composição centrífuga", que é o afastamento dos personagens para um dos lados deixando abrir-se ao centro uma larga zona de céu. E, notamos também que com o tempo, o início do uso de tons escuros, a dramatização e os movimentos violentos, tornaram-se pouco a pouco, mais claros, teatrais, vivas e alegres.

Glorificação de Santo Inácio, Igreja de Santo Inácio – Roma – Andrea Pozzo

Bruce McAdam/Wikimedia Commons

Giambattista Tiepolo, Sentença de Salomão (1728), afresco, Palácio do Arcebispo, Florença.

A pintura barroca sobre tela é igualmente importante como o trompo l'oeil, vamos verificar a disposição dos personagens, em sua grande maioria, na diagonal, cenas com grande contraste de claro-escuro e temas religiosos, da vida da nobreza e do povo.

O impulso artístico vem da Itália, de um pintor chamado Michelangelo Merisi ou chamado de Caravaggio (1571-1610), nome de sua província de origem. Suas obras iniciaram uma nova época, apesar de terem sido muito criticadas e pouco apreciadas.

No século XVII, todas as pinturas tinham que atingir alguns objetivos como: a perfeita representação, em qualquer circunstância da real natureza ou da imitação do belo.

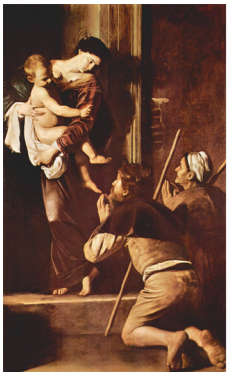
Caravaggio não se interessava pela beleza clássica como os pintores renascentistas e buscava modelos entre pessoas comuns do povo, como os vendedores, os músicos, as prostitutas. Para ele, não havia identificação, tão comum na época, entre a beleza e classe aristocrática.

Na pintura "O tocador de alaúde", a luz incidente sobre o jovem, a pauta musical, as flores e as frutas em um aposento totalmente escuro são efêmeras e possuem o mesmo valor.

Os personagens de temas sacros são também retratados com pessoas comuns ao seu mundo, sem nenhum embelezamento, madonas como mulheres do povo, santos com aparência de camponeses e todos carregados de humanidade, e muitos eclesiásticos julgavam impróprios para imagens sacras.

Obras de Caravaggio: Cabeça da Medusa (1597) e o Tocador de Alaúde (1596).

Obras de Caravaggio: Nossa Senhora de Loreto ou dos Peregrinos (1604) e Vocação de São Mateus (1600).



No quadro Nossa Senhora de Loreto ou dos Peregrinos, em que Nossa Senhora em uma de suas aparições está em uma habitação simples e com paredes quebradas, duas pobres pessoas a veneram, uma velha marcada pelas rugas em seu rosto e o homem com pés descalços e sujos, a luz é usada impiedosamente para mostrar esses detalhes.

No quadro "Vocação de São Mateus", a luz vem da direita e não da janela ao fundo, o que seria natural, o grupo de homens sentados à mesa é visto por essa luz que proporciona um efeito plástico e volumétrico muito maior se vindo pela janela.

Obras de Tintoretto: Cristo na casa de Marta e Maria (1578), Reencontro do corpo de São Marcos (1562) e São Jorge e o Dragão (1555).

Jacopo Comim, conhecido como Tintoretto (1518-1594), pintou intensamente temas religiosos, mitológicos e retratos. Suas características marcantes são que os corpos das figuras são muito mais expressivos que seus rostos, cores e luzes com muito mais intensidade.

Na obra "Cristo em casa de Marta e Maria", observamos em primeiro plano, uma triangulação formada pelas duas mulheres e Cristo, os três personagens sob a luz intensa e cores vibrantes. Depois, o nosso olhar vai para os detalhes e o cenário existente. Essa forma de organizar a composição foi quase que uma regra para Tintoretto, em que uma obra deveria ser vista no começo como um todo e depois percebidos os seus detalhes.

Tintoretto mostra em seus quadros caminhos não trilhados antes de representações de lendas e mitos do passado. Considerava sua obra acabada quando tivesse transmitido sua visão, não lhe interessando um acabamento meticuloso.

Na obra "Reencontro do corpo de São Marcos", é dada uma ideia confusa à cena, em que vemos um homem em pé no canto esquerdo, parecendo dizer algo e olhando para o outro lado em linha diagonal os dois homens no alto, descendo um cadáver e um terceiro com turbante no chão ajudando-o. Provavelmente, são saqueadores de túmulos. Além disso, nessa obra, há um corpo estendido sobre um tapete, contemplado por um ancião ajoelhado, no canto inferior direito, existe um grupo de pessoas atônitas olhando para o santo. Vemos também que esse homem de pé a esquerda carrega um livro, que é: São Marcos Evangelista, o santo padroeiro de Veneza.

Então, esse quadro representa a história de como as relíquias de São Marcos foram trazidas de Alexandria (a cidade dos "infiéis" maometanos) para Veneza, onde o famoso sacrário da igreja de São Marcos foi construído para alojá-las. Conta a história de São Marcos que ele foi bispo de Alexandria e sepultado em uma das catacumbas. E quando esse grupo de pessoas entrou na catacumba com a missão de descobrir o corpo do santo, desconhecia qual era a catacumba diante de tantas. E São Marcos apareceu e revelou os restos de sua existência terrena. Foi esse o momento excêntrico escolhido por Tintoretto para essa obra.

No quadro "São Jorge e o Dragão", a tonalidade de luz provoca uma sensação de excitação, momento em que a princesa foge e até parece sair da tela, enquanto o herói luta bravamente contra o dragão. Tintoretto queria mostrar as coisas sob uma nova luz, explorar caminhos não trilhados de representação das lendas e mitos do passado.

Um grande historiador da arte da época Giogio Vasari (1511-1574), narra que as obras de Tintoretto eram prejudicadas pela execução descuidada e o gosto excêntrico pelos temas. – "Os seus esboços eram tão crus que o traçado do lápis parece ter mais força do que critério e ter sido feitos por mero acaso".

Fora da península itálica, o barroco foi ganhando diferenças de país a país, tais como características nacionalistas, como nos Países Baixos e na Espanha.

Na Bélgica, o barroco caracterizou-se por linhas movimentadas e de forte expressão e seu maior representante foi Peter Paul Rubens (1577-1640), que utilizava em seus quadros cores fortes como o vermelho, amarelo, verde e o azul nos vestuários em intensos movimentos e pregueadas, contrastando com as peles claras e luminosas das personagens, o quadro a seguir, O jardim do amor, é um dos mais coloridos de Rubens, onde a realidade "a nobreza" em frente ao palácio, se funde com alegorias como os cupidos sobrevoando.

Obras de Rubens: O jardim do amor (1634), O rapto das filhas de Leucippo (1634) e Retrato de uma menina (1618)

Rubens estudou na Itália durante oito anos, observando as obras dos artistas venezianos. Regressando a sua cidade natal, abriu uma oficina, onde chegou a empregar duzentos ajudantes, cada um especializado num campo, como representação de animais, de natureza morta, etc. Enquanto, ele especializara-se em corpos humanos e pintava, com total maestria, figuras que parecem estar em um palco.

O quadro "O rapto da filha de Leucippo", caracteriza-se por um grande dinamismo, exuberância física das personagens e a cor de um vigor sensual, são esses os elementos principais desta obra.

Na obra "O retrato de uma menina", ele não usou nenhum estratagema de composição ou jogo de luz, é simplesmente um retrato, onde é exposta uma criança real em sua exuberância infantil e carismática.

Anton van Dyck (1599-1641) foi discípulo de Rubens e aprendeu muito com seu mestre. Além disso, especializou-se em retratos e se tornou pintor da corte real da Inglaterra. É válido observar que esse artista utiliza a luz para realçar as áreas mais importantes em sua pintura e mostra nelas o mundo da corte e aristocracia inglesa.

Nas obras de Frans Hals (1581-1666), há inúmeros retratos individuais e alguns em grupos. Nelas, a luz é trabalhada de tal forma que sua composição é mais clara, a luz penetra nas sombras. A postura dos retratados é espontânea, é pouco rígida e a luz incidente nos personagens é uniforme e ressaltada pelas golas brancas que estão usando.

Obras de Anton van Dyck: Carlos I, em três ângulos diferentes (1636) e Carlos I da Inglaterra em montaria (1633).

Frans Hals, Oficiais da Guarda Civil de Santo Adriano, 1627.

Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), um dos maiores artistas no domínio da luz, em que vemos fortes contrastes com os trabalhos de Caravaggio, este artista usa a sombra de modo ainda mais densa, só que agora invade quase toda a tela.

Na tela abaixo, um médico e estudiosos estão em plena atividade de dissecação de um cadáver sobre uma mesa. Nessa cena, é possível observar que o uso da luz é intenso sobre o corpo do cadáver e vai amenizando gradualmente nos rostos dos estudiosos e com um fundo em penumbra.

Obras de Rembrandt: A lição de anatomia do Doutor Tulp (1632), A ronda noturna (1642) e Autorretrato (1661).

"Ronda noturna" (acima) é um dos célebres quadros de Rembrandt. No qual, em um fundo escuro, personagens total ou parcialmente iluminados sobressaem em um contraste de espaços escuros e totalmente iluminados. Porém, vemos que existe uma hierarquia, centralmente o capitão da companhia e seu tenente iluminados plenamente, posteriormente cabeças emergem das sombras. A luz serve para indagar sobre as pessoas isoladas ou sobre seus rostos.

Em "autorretrato" (acima), a luz é densa, iluminando totalmente ou parcialmente o rosto, porém mostra perfeitamente as rugas do tempo, e, por sua vez, cai também sobe um tema secundário, que é o livro que esta em sua mão. Então, a luz entra na composição para realçar os temas desejados pelo pintor.

Johannes Vermeer (1632-1675) tem como tema a Holanda seiscentista, a vida e os costumes de seus moradores em momentos da vida cotidiana, onde a claridade é utilizada naturalmente.

Obras de Vermeer: Moça com brincos de pérola (1665) e A leiteira (1660).

No quadro "A moça do brinco de pérola", o olhar do observador vai ao encontro da expressão da personagem que se destaca por não haver cenário algum, o seu lábio entreaberto parece querer dizer algo e talvez por isso nos fixamos a olhá-la.

No quadro "A leiteira", Vemmer mostra o trabalho cotidiano doméstico de uma mulher no interior de sua casa, onde a luz incidente é natural e abundante para iluminar a cozinha.

Na Espanha, os pintores mais representativos do barroco foram El Greco e Velázquez, cujas características são bem peculiares.

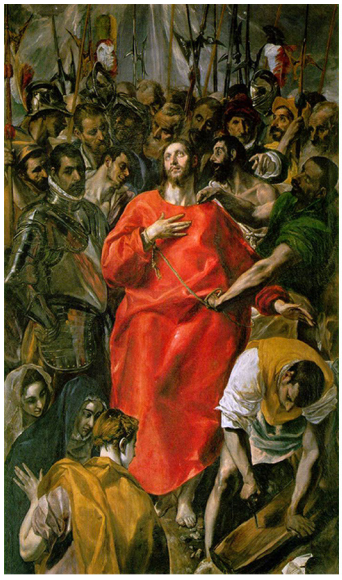
Nas obras de Doménikos Theotokópoulos ou El Greco (1541-1614), vamos verificar uma das características marcantes: a verticalidade das personagens, menosprezando os padrões clássicos da medida e da proporção. Outra característica é o uso da luz, não ambientada, onde se tem a impressão que cada personagem tivesse emitido a sua própria luz.

Na obra abaixo "Espólio", Jesus em uma túnica vermelha em pé está cercado por uma multidão de pessoas com fisionomias agitadas e muitas carregando lanças, sendo retratadas em tons acinzentados.

Nesta parte do quadro, verificamos uma verticalidade da obra, no primeiro plano abaixo, do lado esquerdo, vemos três mulheres, entre elas a mãe de Jesus, observando o trabalho de um carpinteiro que prepara a cruz.

Em "A Virgem da Imaculada Conceição", El Greco pediu para que o retábulo fosse mais alongado em 1,5 pé "porque assim a forma ficaria perfeita e não reduzida; é a pior coisa que pode acontecer a uma personagem".

Obras de El Greco: Espólio (1579), A virgem da Imaculada Conceição (1610) e O menino acendendo uma vela (1570).



Georges de La Tour, A Madalena arrependida, 1635.

El Greco foi o primeiro pintor do século XVII a representar a luz artificial em seus quadros. Em "O menino ascendendo uma vela", o rosto do menino é iluminado por clarões avermelhados. Assim, observamos uma total diferença entre a luz quando é pontiforme, isto é, vinda de um ponto específico e a da luz proveniente da luz natural, como o sol, de um amanhecer, etc. E esta obra pode ser considerada uma percursora da obras de Caravaggio no que diz respeito à luz empregada em suas obras.

Outro grande pintor que estudou e utilizou a luz pontiforme, foi o francês Georges de La Tour (1593-1652). Em quase todas as suas obras, vemos a luz artificial em ambientes noturnos e escuros como na obra abaixo, "A Madalena arrependida".

Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (1599-1660) foi um grande retratista da corte espanhola do século XVII, do rei Felipe IV, e também de pessoas do povo, documentando em seus quadros o dia a dia do povo espanhol.

"A velha cozinheira", obra que retrata o dia a dia de pessoas simples em especial desta cozinheira. Velázquez utiliza, nesta obra, tons escuros para o fundo e os utensílios do cotidiano diário da cozinheira, bem como sua roupa vermelha e seu lenço branco sobre sua cabeça são destacados com uma luz.

"As meninas" retrata pessoas da corte e é uma das obras primas de Velázquez. Esse quadro mostra uma grande sala, onde se passa a cena, em primeiro plano, sob luz mais intensa, vemos a princesa e um grupo de acompanhantes. Do lado esquerdo, vemos o pintor, que olha atentamente o casal real, o rei Felipe IV e sua esposa, que aparecem refletidos no espelho pendurado na parede do fundo do ateliê. Como se o rei e a rainha estivessem de frente para quem está na frente da tela e as demais pessoas retratadas estão preparadas para fazer uma saudação.

Obras de Velazquez: A velha cozinheira (1618) e As meninas (1656).

Os séculos entre XIV e XVII marcaram um percurso em que razão e sensibilidades são os interesses dos artistas, que buscaram expressar a mente e o coração dos homens.

Material Complementar

Há vários materiais, sites, revistas que você pode visitar, estudar e ampliar seus saberes sobre a História da Arte. Um jeito bem interessante de entrar no clima da história da arte é assistir aos filmes de época.

Assista ao filme **Moça com brinco de pérola**, Dirigido por Peter Webber com Scarlett Johansson, Colin Firth, Tom Wilkinson, Nacionalidade Reino Unido , Luxemburgo , EUA , França. Anos de 2004.

Depois de assistir, faça uma análise do ponto de vista do período histórico e do contexto cultural e artístico.

Obrigado e bons estudos.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte Como História da Cidade.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAUMGART, Fritz – **Breve História da Arte.** 3ª edição 2007- Editora Martins Fontes

BAZIN, Germain. **Historia da Arte: Da pré-história aos nossos dias.** Lisboa: Martins Fontes, 1976.

CHENEY, Sheldon. **História da Arte.** 1.ed. São Paulo: Editora Rideel, 1995.

GOMBRICH, Ernest Hans Josef.- **História da Arte**. 16ª edição 2000 – Editora. LTC.

JANSON, H. W. – **História geral da arte – O mundo moderno**. 1ª edição 2001 – Editora Martins Fontes.

JANSON, H.W., JANSON, A.F. **Iniciação à história da arte.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRETTE, Maria Carla – **Para Entender a Arte, História Linguagem Época Estilo.** 1ª edição 2009 - Editora Globo

WOODFORD, Susan. **A Arte de Ver a Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. (Coleção – História da Arte da Universidade de Cambridge).

Anotações

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo

UNIFRAN Universidade de Franca

UDF Centro Universitário

Módulo Centro Universitário